

tecnologia

Tecnólogos: pequeno crescimento, grande necessidade

Ronaldo Casagrande*

Há mais de dez anos, trabalho com a educação profissional, especificamente com a educação tecnológica. Tive a oportunidade de realizar a implantação de cursos superiores de tecnologia em diversas instituições de ensino, no início dos anos 2000, ocasião em que houve a profunda reformulação na concepção da educação tecnológica e que, com poucas diferenças, permanece até hoje. Naquele tempo, participei de inúmeras discussões sobre as ameaças e oportunidades que a educação tecnológica encontrava no Brasil, seus pontos fortes e suas fragilidades, as oportunidades de crescimento que se acentavam para os próximos anos, entre outros aspectos.

Hoje, decorrida uma década de implantação da nova concepção de tecnólogos, constata-se que seu crescimento foi aquém do profetizado no passado. O número de matriculados nesse tipo de curso, em relação ao total de matrículas no Ensino Superior brasileiro, não chega a dois dígitos percentuais, índice pífio se comparado aos Estados Unidos, Canadá e diversos outros países industrializados da Europa, onde as matrículas em cursos superiores de curta duração, voltados

para o mercado de trabalho, superaram as matrículas nas outras modalidades de Ensino Superior.

É evidente que não podemos olhar somente com essa lente pessimista. De 2002 até hoje, o crescimento nas matrículas em cursos de tecnologia foi superior a 300%, número significativo se comparado ao crescimento de pouco mais de 30% que os bacharelados e as licenciaturas experimentaram nesse período, e que não foi pequeno, pelo contrário, um dos maiores índices de nossa história. O grande problema é que o último censo do Ensino Superior começou a dar sinais de declive na taxa de crescimento dos tecnólogos para os próximos anos.

A grande pergunta que surge é: por que o tecnólogo, até o momento, não cresceu além dos 10%? Como um curso, que é rápido, objetivo, prático e voltado para as demandas do mercado, ainda não conseguiu atingir altos índices de matrículas? Existem várias razões para isso, oriundas, principalmente, de duas vertentes: uma estrutural e outra cultural. Estruturalmente, uma das razões que impediram o crescimento maior foi, e ainda é, a pouca oferta de ensino tecnológi-

co público. Mesmo com a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, cuja vocação é a oferta de cursos de formação profissional, o número de vagas ofertadas ainda é muito pequeno se comparado ao contingente de egressos anuais do Ensino Médio e à necessidade de formação técnica requerida pelo mercado.

Outra razão é a dificuldade que uma grande parcela da população tem em custear seus estudos em cursos ofertados pela iniciativa privada, problema este que poderia ser resolvido, em parte, se existisse uma política arrojada de financiamento público estudantil.

Outro grande problema deve-se à falta de autonomia que a maioria das instituições ofertantes de cursos de tecnologia tem em lançar novos cursos, os quais atendem a demandas específicas de um mercado que está em constante mutação. A morosidade existente para se obter a autorização de oferta de novos cursos pelos órgãos competentes não possibilita um atendimento adequado das necessidades da sociedade. Logo após a reformulação da educação tecnológica, no início dos anos 2000, houve uma

tentativa do Ministério da Educação em garantir essa autonomia às instituições de ensino, o que não perdurou por muito tempo.

Outros fatores que prejudicam o crescimento da educação tecnológica no Brasil têm origem cultural. Uma das razões deve-se ao desconhecimento da maioria da população sobre os cursos de tecnologia. O pouco tempo de duração deste tipo de curso remete à ideia de baixa qualidade, quando comparado à duração dos tradicionais cursos de graduação.

É uma comparação totalmente equivocada, que não leva em consideração a natureza e os princípios distintos dos cursos. Mas considero que a razão mais

que deixou marcas profundas de preconceito com quem realiza trabalho voltado à operação. O trabalho físico que requer um esforço manual acabou sendo relacionado a uma ideia de sofrimento, o que justifica a palavra “trabalho” ter sua etimologia ligada a *tripalium* (instrumento usado para a tortura).

Diariamente, sabemos de pessoas de classe média e média alta que se submetem a trabalhos operacionais e manuais em países desenvolvidos, como a atividade de garçom, por exemplo, mas que, aqui no Brasil, jamais realizariam tal ofício. Essa visão preconceituosa da educação profissional faz lembrar-me do momento em que dirigia as escolas técni-

rio e outro, foi informado de que existe o interesse de alguns Institutos em migrar da oferta de cursos de tecnologia para cursos de engenharia, como se este fosse superior àquele, da mesma forma como um funcionário busca a sua promoção numa empresa por bom desempenho. Ou seja, o preconceito começa por aqueles que deveriam ser os embriões da revolução da educação profissional. Diante de razões culturais como as apontadas aqui, não podemos esperar atitude diferente da que foi tomada pela Petrobras, que explicitou, em seu último edital de concurso, a não aceitação de tecnólogos em seu quadro de funcionários.

Será que o Brasil, que apresenta apenas 0,1% de sua força de trabalho composta por profissionais oriundos de cursos de tecnólogos, vai conseguir enfrentar o apagão de mão de obra que se acena para os próximos anos? Enquanto o Brasil e os brasileiros continuarem a olhar para a educação profissional como uma formação destinada aos “desvalidos da sorte”, como já apontou uma de nossas leis de diretrizes e bases da educação nacional, acredito que não. Continuará com o paradoxo que ofusca nosso desenvolvimento: por um lado, um contingente enorme de desempregados e, por outro, milhares e milhares de postos de trabalhos à espera de profissionais qualificados. É esperar para ver. ■

*Professor da Hoper Educação, engenheiro eletrônico com doutorado em Métodos Numéricos, mestre em Qualidade e especialista em Planejamento e Gestão de Negócios

www.hoper.com.br

... milhares e milhares de postos de trabalhos à espera de profissionais qualificados.

inconcebível, que freia o crescimento das matrículas nos tecnólogos, é o preconceito. Isso mesmo, preconceito com formação voltada para o trabalho. Para entendermos como esse preconceito se instalou no Brasil, é necessário fazermos um breve mergulho em nossa história.

Desde as origens da nossa educação, sempre houve uma distinção entre os que detinham o saber, obtido através de uma educação voltada para as artes e as ciências, e os que detinham habilidades para fazer trabalhos manuais, obtidas através de uma formação para o ofício. Essa segmentação tem suas origens na escravidão,

cas da rede pública estadual do Paraná. Eram comuns situações de adolescentes constantemente ameaçados pelos pais de serem encaminhados aos colégios agrícolas para fazerem um curso técnico de segundo grau (técnico em agropecuária) por não apresentarem bom comportamento. Ou seja, o bom comportamento servia como uma moeda de troca para fugir da penalização de ter seus estudos de nível médio voltados para o trabalho.

Recentemente, participei de um seminário internacional de educação tecnológica promovido pelo Ministério da Educação, ocasião em que, entre um comentá-